

NELSON RODRIGUES MEMORIALISTA: CRIAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DE SUA OBRA NARRATIVA E DRAMATÚRGICA

José Francisco Quaresma Soares da Silva (UEL)
jfquaresma@hotmail.com

Aos 55 anos, Nelson Rodrigues aceitou o convite de José Lino Grnewald para escrever suas memórias no jornal carioca *Correio da Manhã*. Na época, 1967, o jornalista já era reconhecida personalidade da imprensa e mantinha vínculos com *O Globo* e o *Jornal dos Sports*, além de participar de programas na TV Globo. Embora precoce para escrever memórias, o fato é que Rodrigues havia passado os últimos 40 anos nas redações dos principais jornais e revistas do país, e conforme Castro (1992), perpassou “todas as revoluções gráficas, estilísticas e empresariais da imprensa naquele período”, e acompanhou de perto muitas das transformações políticas do Brasil. Entre os meses de fevereiro e maio daquele ano, o autor publicou 80 crônicas. Do total da produção escrita, as 39 primeiras foram organizadas em capítulos na coletânea “*Memórias – amenina sem estrela*”, lançada em 1967 pela editora do *Correio da Manhã*. Foi um período produtivo, mas bastante curto, porque no final do mesmo ano Rodrigues transferiria seus textos memorialistas para o jornal *O Globo*, e a partir de então, seriam apresentadas sob o título de *Confissões* (RODRIGUES, 2009). Vivências profundas do escritor estão registradas nessas crônicas, nas quais, em muitas, intensas experiências descritas e depois poetizadas são transpostas às obras narrativas e dramáticas. Este trabalho tem como objetivo destacar e analisar as vivências infantis e juvenis como elementos formadores da personalidade autoral rodriguiana e opera como base metodológica a análise dos processos de criação artística, em consonância com os pressupostos teóricos da Crítica Genética.

Palavras-chave: Dramaturgia. Memórias. Narrativa. Nelson Rodrigues.